



“A Ala Azul da Linha da Frente”



MIGUEL MARQUES
Partner da PwC

Embora discreta, existe uma forte “Ala Azul” que está na linha da frente do combate aos impactos sanitários, económicos e sociais da pandemia, utilizando o mar, os rios e os lagos para garantirem um presente e um futuro a Portugal.

Todos os dias, pescadores zarpam dos portos de pesca para garantir que não faltam alimentos vindos do mar. Dada a pequena dimensão das embarcações, os pescadores foram dos profissionais que mais risco correram durante o pico da pandemia. Infelizmente, viram o seu rendimento descer drasticamente, pois muitas vezes chegaram aos portos e a procura por peixe fresco de melhor qualidade não era elevada, por falta de comparência da restauração, impedida de trabalhar durante o período de confinamento. Os trabalhadores da aquacultura, da indústria de transformação do pescado (conservas e congelados) e da distribuição de produtos alimentares, à semelhança dos pescadores, corajosamente enfrentaram o risco sanitário e contribuíram para garantir o fornecimento de alimentos a uma população confinada.

Marinha e Polícia Marítima, em conjunto com outros ramos das forças armadas e demais forças de segurança continuaram a desempenhar em pleno a sua missão e, respondendo ao apelo efetuado, deram um apoio adicional ao sistema nacional de saúde e de proteção civil.

Nos portos comerciais, a azáfama de todos os trabalhadores da cadeia logística é grande, carregamentos e descarregamentos de bens essenciais não podem parar, sob pena de um agravamento da difícil situação em que vivemos. Comandantes e tripulações do transporte marítimo garantiram o abastecimento às ilhas dos arquipélagos da Madeira e dos Açores, que estavam com severas limitações de voos. Neste setor dos transpor-

tes marítimos, a bandeira Portuguesa continuou a aportar em todo o mundo. O facto de o Registo Internacional de Navios da Madeira ter crescido muito desde o ano de 2012 fez com que, durante esta crise pandémica, mais de 500 navios comerciais, arvorando a bandeira de Portugal, tenham dado um contributo muito significativo no abastecimento de toda a União Europeia, bem como de outros países, em vários continentes.

A “Ala Azul” da linha da frente contra os efeitos da pandemia tem estado bastante ativa e merece de todos nós um merecido reconhecimento pelas vitais funções que tem desempenhado.

A gigantesca abrangência internacional desta crise, em conjunto com a necessidade de afastamento físico entre pessoas, rompeu por completo com o modelo económico-social vigente. De uma forma bastante dura colocou a cooperação no centro da ação humana, pois só aumentando os índices de cooperação conseguiremos sair desta enorme dificuldade. O motor da União Europeia, a Alemanha, percebeu muito rapidamente, que era necessário aumentar a cooperação e solidariedade entre países e apressou-se a propor um enorme fundo de recuperação.

O problema é que a dinâmica económico-social nacional e internacional é um sistema complexo, onde, múltiplas variáveis interrelacionadas, interagem numa dinâmica própria, independentemente de qualquer controlo externo. O que significa que, apenas uma visão integrada, que dê importância, não só aos desafios de cada indústria, mas também aos desafios inter-indústrias e às componentes económicas, sociais e ambientais desses desafios nos poderá ajudar.

O primeiro passo para se conseguir iniciar o processo de recuperação é reconhecer que o sistema é complexo e que só com uma visão integrada e o reforço da cooperação é possível estruturar uma saída de desenvolvimento para o país.

Curiosamente, a visão integrada das diferentes indústrias do mar é a definição do conceito de economia azul. Num país peninsular e insular como o nosso, é do interesse de todos que também na recuperação económico-social se possa vir a contar com “A Ala Azul da Linha da Frente”.